

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELA ALEIXO

**A INFLUÊNCIA DO FENÔMENO PÓS-VERDADE E DAS MÍDIAS DIGITAIS NA
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE: O PAPEL DA PSICOLOGIA
NA PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E PROTEÇÃO**

SÃO PAULO
2023

ISABELA ALEIXO

**A INFLUÊNCIA DO FENÔMENO PÓS-VERDADE E DAS MÍDIAS DIGITAIS NA
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE: O PAPEL DA PSICOLOGIA
NA PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E PROTEÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Professor
Mauro Lantzman

SÃO PAULO

2023

Isabela Aleixo; A influência do Fenômeno Pós-Verdade e das Mídias Digitais na Construção da Subjetividade: O Papel da Psicologia na Proposição de Estratégias de Resistência e Proteção, 2023; Professor Mauro Lantzman.

RESUMO

O fenômeno da pós-verdade tem se espalhado cada vez mais na sociedade contemporânea, influenciado pelo avanço tecnológico. A pesquisa em questão tem como finalidade investigar e discutir a relação entre a disseminação da pós-verdade na sociedade contemporânea e seus efeitos na subjetividade das pessoas. Com o avanço tecnológico, a pós-verdade tem se espalhado cada vez mais, sendo influenciada por fatores psicológicos. Para compreender essa relação complexa, é necessário recorrer ao conceito de Dasein desenvolvido por Heidegger, que descreve o modo específico de ser humano e sua revelação para si mesmo e para o mundo. No contexto da pós-verdade, o Dasein é afetado pela impropriedade, em que o indivíduo se identifica com o impessoal e perde a responsabilidade individual por suas escolhas. Através da falação, da avidez por novidades e da ambiguidade, o Dasein vivencia essa impropriedade, contribuindo para a disseminação da pós-verdade. Nesse sentido, a psicologia desempenha um papel fundamental, pois auxilia na compreensão de como os indivíduos atribuem significados e são influenciados pela pós-verdade. Além disso, a psicologia pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de resistência e fomentar uma postura questionadora diante dos fatores que afetam a subjetividade e a experiência humana. O objetivo principal da pesquisa é compreender os impactos psicológicos da pós-verdade, investigar as razões por trás de sua disseminação e apresentar possíveis estratégias psicológicas de resistência e questionamento diante dessa realidade, visando uma análise crítica e contribuindo para a compreensão e enfrentamento da pós-verdade na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: Psicologia, Comunicação, Pós-verdade, Subjetividade, Processo Tecnológico

Isabela Aleixo; A influência do Fenômeno Pós-Verdade e das Mídias Digitais na Construção da Subjetividade: O Papel da Psicologia na Proposição de Estratégias de Resistência e Proteção, 2023; Professor Mauro Lantzman.

ABSTRACT

The phenomenon of post-truth has been increasingly spreading in contemporary society, influenced by technological advancements. The purpose of this research is to investigate and discuss the relationship between the dissemination of post-truth in contemporary society and its effects on people's subjectivity. With technological advancement, post-truth has spread further, influenced by psychological factors. To understand this complex relationship, it is necessary to turn to Heidegger's concept of Dasein, which describes the specific mode of human being and its revelation to oneself and the world. In the context of post-truth, Dasein is affected by impropriety, where the individual identifies with the impersonal and loses individual responsibility for their choices. Through idle talk, a craving for novelty, and ambiguity, Dasein experiences this impropriety, contributing to the dissemination of post-truth. In this sense, psychology plays a fundamental role as it helps understand how individuals attribute meanings and are influenced by post-truth. Furthermore, psychology can contribute to the development of resistance strategies and foster a questioning stance towards factors that affect subjectivity and human experience. The main objective of the research is to understand the psychological impacts of post-truth, investigate the reasons behind its dissemination, and present possible psychological strategies of resistance and questioning in the face of this reality, aiming for a critical analysis and contributing to the understanding and confrontation of post-truth in contemporary society.

Keywords: Psychology, Communication, Post-truth, Subjectivity, Technological Process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 MÉTODO	11
3 PÓS-VERDADE: DEFINIÇÃO E CONCEITO	12
3.1 A Relação entre o Processo Tecnológico e a Disseminação da Pós-Verdade	16
4 PSICOLOGIA E PÓS - VERDADE	20
4.1 Disseminação da Pós-Verdade a partir da Perspectiva Psicológica	20
4.2 Desdobramentos para o indivíduo	23
4.3 Importância da Psicologia Nesse Contexto	26
RESULTADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1 INTRODUÇÃO

O dicionário de Inglês Oxford, editado pela Universidade de mesmo nome e um dos mais influentes do mundo, todo ano, desde 2004 realiza um levantamento e escolhe uma palavra que simbolize o ano, atendendo ao critério único: ter atraído atenção e tido impacto social nos últimos 12 meses e, como efeito, ter ingressado no discurso público e se tornado uma representação social. Sendo Pós-verdade (*Post-truth*) um desses exemplos, pois teve sua primeira citação em um artigo de Steve Tesich, publicado em 1992 na revista *The Nation*, e 24 anos depois, em 2016, atingiu os critérios do dicionário Oxford e foi eleita por ele como palavra do ano. Comumente associada à política, começou a ganhar expressividade e a devida atenção principalmente no contexto do referendo britânico sobre a União Europeia e nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, como o próprio dicionário escreve ao justificar a escolha.

A palavra foi definida pelo dicionário como relativa ou referente a circunstâncias cuja influência na opinião pública advém principalmente do apelo às emoções e às crenças e não dos fatos objetivos.

Pós-verdade é um adjetivo definido como relativo a ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais (POST-TRUTH, 2022).

A partir dessa definição, levanta-se a necessidade de evitar o uso de Pós-Verdade e mentira como sinônimos, além do cuidado em manter a categoria da palavra, pois dependendo da forma como é empregada, pode ser interpretada como uma suavização da mentira, um eufemismo, o que refuta a justificativa de analisá-lo como um fenômeno diferenciado e, conseqüentemente, sua relevância.

Pensando no contexto social em que nos encontramos, sendo parte de um progresso tecnológico e constantemente permeado pela mídia digital, se faz necessário refletirmos também sobre a própria ligação da pós-verdade com a condição e normas desta era, na qual a mídia e os canais de comunicação atuam de maneira fundamental. E para nortear essa reflexão, algumas questões aparecem, como: Os canais de comunicação e mídia, nos dão alguma garantia de que aquilo

que nos oferece é, de fato, real? E apesar de não haver histórico desta garantia também em épocas anteriores, percebe-se cada vez menos interesse por parte desses canais em oferecê-la.

Porém, antes do pensamento a respeito do progresso tecnológico ser desenvolvido, é pertinente retornar algumas casas para lembrar a trajetória da comunicação até chegar neste momento de Pós-verdade, pois durante toda pesquisa alguns pontos principais serão revisitados, sendo a comunicação um deles. É sabido que a comunicação se dá como fator estrutural durante toda história da espécie humana, transmitindo e compondo a cultura, de forma que pode-se entender cultura e comunicação como conceitos complementares, condição necessária para compreensão e existência de cada um.

Em seu trabalho *Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital* (GUARESCHI, 2019), Guareschi (2019) pontua que a comunicação pode ser entendida como uma relação entre pessoas ou como materialização de expressões símbolos, embora, como coloca também

Por um lado subsista como um elemento imaterial, representacional, cuja principal finalidade seria supostamente poder dar conta e nos colocar em sintonia com o lá fora, por outro, ela serve também ao propósito de ocultar, negar ou falsificar, através de seus elementos constitutivos” (GUARESCHI, 2019, p.2).

É necessário, então, pensar em como a ética se apresenta (ou não) nos atos comunicativos, uma vez que estes podem acontecer tanto em diálogos de igualdade e respeito, como em diálogos de dominação e exclusão. Sabendo-se disso, essa pesquisa abordará também os possíveis enfrentamentos, por parte da Psicologia, diante de uma era na qual não se considera a questão ética da comunicação e, nisso, se dá um processo de subjetivação sofrendo forte influência de possíveis inverdades.

Conforme transita-se nesse fenômeno da Pós-verdade é constatada uma considerável relação com a Psicologia, partindo, inclusive, de dentro do campo psicológico a busca de recursos para sua operacionalização. Iniciando por sua definição, se examinado com atenção, é notável que diversos termos remetem à psicologia, deixando claro que, para o Dicionário Oxford, a perspectiva psicológica está diretamente relacionada ao conceito de Pós-Verdade. Por isso, o papel da Psicologia se dá em diversas faces desse mesmo fenômeno, mas sua presença é

notada inicialmente no espaço onde se dá e se reproduz o que é considerado realidade e, conseqüentemente, na validação e manutenção das relações estabelecidas a partir dessa realidade construída.

Nesse sentido, o papel da Psicologia implica que haja consciência a respeito do fenômeno que transitamos e seus efeitos, mas o que entendemos como “consciência”? Essa pergunta é seguida por uma série de respostas e suposições, mas na perspectiva psicossocial, de acordo com Guareschi (2019):

[...] a consciência é assumida como “o quanto de respostas conseguimos às perguntas “quem sou eu?” a pergunta fundamental que atravessa todos os tempos de todas as sociedades humanas; e à pergunta: “por que as coisas que nos rodeiam são assim?”. Assume-se, com isso, que quanto mais respostas conseguimos a essas perguntas, mais consciência nós temos (GUARESCHI, 2019, p. 174).

A partir dessa definição, entende-se a consciência como um processo, uma busca interminável num meio onde se é cada vez mais raro parar para pensar. A questão que colocamos então, diante dessa possível nova era, é: O quão conscientes são as pessoas, uma vez que estão sujeitas a milhares de informações e a todo momento, 24 horas por dia? E nesse receber infinito de informações, quanto tempo, ou espaço, resta para refletir?

Nesta mesma direção, quando pensam na psicologia e em toda sua formação histórica, não se pode deixar de levantar a relevância que esta área do conhecimento teve, e continua tendo, no que diz respeito à proposição de reflexões e questionamentos acerca do que atravessa e constitui os seres humanos, tomando a racionalidade como característica primordial. Desde o início na filosofia, atravessando pelo seu ingresso na ciência, aproximadamente no final do século XIX, assim como na atualidade, a Psicologia se faz presente e extremamente importante nas discussões dos mais diversos temas e temores da sociedade e das ciências. A cada novo passo dado pela história, a Psicologia se atenta às necessidades da época e empenha-se em auxiliar o sujeito a refletir, posicionar-se e agir, mas o principal: sempre pautada e apoiada na ética. Afinal, de acordo com o primeiro e terceiro princípio fundamental do Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005):

O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. [...] Atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2005).

A partir dessa contextualização da posição da Psicologia ao longo da história, entende-se que na atualidade não ocorre de forma diferente, o fato do termo Pós-Verdade ter ganhado destaque nos últimos anos convoca todo campo da Psicologia a exercer sua ocupação de promover a reflexão e posicionamento a partir das necessidades carregadas por todo contexto em questão. Por isso, essa pesquisa tem como um dos principais objetivos levantar hipóteses e pensar não apenas no papel da psicologia nesse contexto, mas também em nosso papel, como psicólogos, de propor estratégias de resistência à monetização do processo de subjetivação e proteção frente ao mercado digital, ou seja, como evitar que nossa subjetividade seja formada e transformada em uma subjetividade digital, sustentada nos interesses de poder.

Vale ressaltar, aqui, que a pós-verdade não se coloca como um culto à mentira, mas como indiferente em relação à veracidade dos fatos, de forma que é irrelevante para os indivíduos saberem se os fatos realmente existem ou ocorreram da maneira como foi veiculado. Porém, se ele está de acordo com o que o sujeito pensa, acredita e deseja, ele passa a aceitá-lo. Por isso, devemos nos atentar e considerar: estamos diante de uma era em que a construção da subjetividade se dá em cima de coisas que apenas concordamos, em possíveis inverdades?

No artigo intitulado A Psicologia como reflexão sobre as práticas humanas: da adaptação à errância, a autora Marcia Moraes (2003) compara:

Enquanto as ciências naturais respondem apenas pelos problemas colocados pelas dificuldades da prática, seus fracassos temporários, as limitações provisórias de sua experiência, a psicologia, ao contrário, nasce no ponto em que a prática do homem encontra sua própria contradição; no ponto em que essa prática falha, erra. A psicologia do desenvolvimento nasceu como uma reflexão sobre as dificuldades do desenvolvimento (MORAES, 2003, p. 536)

Essa fala introduz outra justificativa para afirmação de que Pós-verdade e Psicologia estão intimamente ligadas, uma vez que esta não se coloca como um problema prático ou fracasso temporário, mas como contradição do próprio sujeito com ele mesmo, adotando uma forma de comunicação que se subverte e o atinge diretamente, no que era para assumir direção oposta.

Dentre os múltiplos efeitos negativos que essa ambiência pode causar na construção da subjetividade, vale destacar a criação de bolhas ideológicas, que faz com que as pessoas deixem de dialogar com opiniões diferentes das suas próprias.

É muito comum ouvir relatos ou vivenciar situações em que as pessoas deletam outras de seus perfis em redes sociais quando publicam algo que as desagrade ou esteja em desacordo com seus valores, crenças e verdades próprias. Dessa forma, essa pesquisa também busca refletir e questionar a maneira como a chamada subjetividade digital vêm se consolidando, além das condições que a atualidade coloca para sustentação desta.

Embora a discussão acerca da pós-verdade esteja ganhando expressão nos últimos anos, ainda se tem poucos estudos acadêmicos que abordem essa temática, considerando sua profunda relevância para o campo da Psicologia e os atravessamentos sociais que esse fenômeno traz em suas expressões. Alguns autores em suas obras trazem fortes contribuições para refletirmos acerca do tema, como a teoria das representações sociais de Moscovici (2003), Bauman (1995) em “Modernidade e Ambivalência”, entre outros. E, apesar de termos materiais disponíveis para traçar paralelos e provocar questionamentos, não são suficientes para nos fazer compreender esse fenômeno, bem como suas relações e desdobramentos.

Vale mencionar o livro *Psicologia, Comunicação e Pós-verdade* (GUARESCHI et al., 2019), que conta com treze ensaios e contempla de forma aprofundada as possíveis conexões, mesmo assim colocam que pensam em “trazer algumas reflexões que pudessem servir como uma espécie de conclusão, sempre inconclusiva” (GUARESCHI et al., 2019). Diante disso, confirmamos que este campo ainda apresenta muitas lacunas, exprimindo a necessidade de pesquisas, investigações e produções a respeito.

A relevância social desta pesquisa, por sua vez, se apresenta logo ao pensar na realidade da comunicação, que sempre teve um papel expressivo na história das formações sociais humanas e, hoje, vem assumindo novos aspectos surpreendentes e desafiadores. A partir disso, é coerente afirmar que quem pretende estabelecer o mínimo de liberdade e autonomia na forma de viver, precisa, no mínimo, ter consciência do fenômeno pós-verdade e seus desdobramentos, para então, buscar alternativas na direção da proteção, não da exclusão, alertando sobre os possíveis riscos das informações coletadas, além de participar ativamente da luta que vem crescendo contra a propagação de *fake news*.

Posta a definição e relevância que o termo pós-verdade, e suas implicações, têm adquirido, essa pesquisa tem objetivo exploratório a respeito da influência das mídias digitais e do fenômeno pós-verdade na construção da subjetividade, para, a partir disso, pensarmos qual é o papel da psicologia nesse contexto e no nosso dever, como psicólogos, de propor estratégias de resistência à monetização do processo de subjetivação e proteção frente ao mercado digital.

Em vista disso, para apresentar uma discussão mais ampla, traçou-se os seguintes objetivos específicos: definir e contextualizar a pós-verdade, relacionar o fenômeno com o progresso tecnológico, estabelecer a relação entre pós-verdade e o campo da Psicologia, discutir a construção da subjetividade diante dessa possível nova era e, por fim, pensar em estratégias de resistência e proteção frente ao mercado digital e a chamada “monetização do processo de subjetivação”.

2 MÉTODO

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada a partir de um levantamento e revisão bibliográfica e sem nenhuma aplicação prática prevista. A pesquisa qualitativa tem como objetivo oferecer profunda compreensão em torno do problema colocado e seu contexto. Para isso, realizou-se a busca por publicações que contemplassem a temática Pós-verdade não somente na sua definição e expressão, mas principalmente a íntima relação que esse fenômeno estabelece com o campo da Psicologia e os desdobramentos desta. Os materiais foram escolhidos com base em palavras chaves, como “Psicologia”, “Comunicação”, “Pós-verdade”, “Subjetividade”, “Progresso tecnológico”, e através do extenso acervo de referências bibliográficas do livro *Psicologia, Comunicação e Pós-verdade* (GUARESCHI et al., 2019). A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002), é construída a partir de materiais já elaborados, especialmente livros e artigos científicos, procurando explicar um problema a partir de referenciais teóricos publicados. As bases de referência de dados foram Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online*– Scielo e na biblioteca digital da PUCSP.

3 PÓS - VERDADE: DEFINIÇÃO E CONCEITO

De acordo com a Academia Brasileira de Letras, o primeiro registro do uso de Pós-verdade, no sentido que está sendo utilizado nessa pesquisa, se deu em 1992 por Steve Tesich em uma publicação na revista *Nation* (GAMBOA, 2017), porém a palavra já havia sido utilizada em outros contextos, nunca como um adjetivo, como está sendo usada desde então. Anos depois, dois grandes eventos de relevância política e mundial, o Brexit e a candidatura de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, revolucionaram o uso do termo Pós-Verdade que, por ter sido empregado nesse contexto, ganha importância expressiva na discussão política e acadêmica (OXFORD, 2016), principalmente na proximidade de disputas eleitorais, como é o caso do Brasil e as *fakes news*, por exemplo. Essa notoriedade se deu pelo pico de frequência observado no uso, que pode ser verificada em gráfico no próprio site oficial do dicionário, elegendo Pós-Verdade a palavra do ano pelos Dicionários Oxford em 2016, apesar do conceito existir desde a última década. O dicionário Oxford (2016) cita que Pós-verdade é “um adjetivo definido como relativo a ou denotando circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais”. (PÓS-VERDADE, 2016).

Posta a definição, vale ressaltar aspectos da estrutura da palavra, como o prefixo “pós”, em pós-verdade, que não tem o mesmo uso do senso comum, frequentemente se referindo ao tempo seguinte a alguma ação ou evento, mas sim a “pertencer a um momento em que o conceito específico se tornou irrelevante ou não é mais importante” (OXFORD, 2016), neste caso, a verdade.

Este caso prefixal parece indicar uma atitude dos sujeitos em relação à verdade que não implica em um período temporal posterior à verdade nem em sua descredibilização. Ao contrário, o que se observa é uma prevalência do desejo de manter suas próprias verdades em detrimento de verdades divergentes. Os sujeitos parecem ter pouco interesse em realizar uma investigação para verificar fatos e verdades, pois valorizam mais a manutenção de suas convicções e identidades do que a busca pela verdade a qualquer custo. Não existe, portanto, uma dedicação em buscar a veracidade do que é lido e consumido, uma vez que os sujeitos possuem

leituras pré-programadas e enviesadas, que são mais aceitas e valorizadas do que a própria veracidade.

Permanecendo na questão sintática da palavra, e considerando o que se acompanha em relação ao seu crescimento e apropriação, percebe-se durante o uso no senso comum a dificuldade de evitar que o adjetivo seja usado como substantivo. Como mencionado na introdução deste trabalho, o problema de ser tratado dessa forma é que o termo Pós-Verdade passa a ser utilizado como eufemismo, podendo ser interpretado como uma suavização da mentira, o que desvalida a justificativa de analisá-lo como um fenômeno diferenciado e, conseqüentemente, sua relevância. Porém, mesmo quando usado como adjetivo é necessário cuidado para não encobrir seu significado, uma vez que Pós-verdade deve ser usada como adjetivo, que se refere não a objetos em si, mas sim a "circunstâncias", como sua própria definição sugere.

O fenômeno pós-verdade traz consigo particularidades que merecem ser observadas com muita atenção, pois poderia se estar anunciando aqui a materialização de quem sabe, uma nova era. (GUARESCHI et al., 2019, p. 20)

A partir deste movimento realizado em retorno ao termo, e como já mencionado anteriormente neste capítulo, constata-se a impossibilidade de tratar pós-verdade e mentira como sinônimos, apesar do discurso poder tratar-se de uma. Essa impossibilidade tem seu embasamento refletido na fala de Christian Dunker (2017).

[...] alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa de referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira (DUNKER, 2017, p. 38).

Essa fala traz a delicada diferença entre a pós-verdade e a mentira, uma vez que a mentira não tem compromisso algum com a veracidade e não faz questão necessariamente de persuadir, enquanto na pós-verdade o fato se apoia num emaranhado de informações embasadas e contextos reais, mas que transmitem e são transmitidos pela emoção e convicção, na intenção de persuadir.

A partir da leitura de A concepção de ciência e desenvolvimento científico após a modernidade (RUFFO, 2019), obtém-se maior entendimento sobre a

epistemologia do conhecimento, pois o artigo traz que durante a Idade Média o conhecimento era baseado na contemplação e marcado pela predominância das concepções religiosas, sendo que a experimentação para comprovar ou refutar teorias foi introduzida somente nos séculos XVI e XVII. Isso levou a uma mudança na forma como o conhecimento era adquirido, não se baseando mais apenas na observação dos fenômenos, apesar da ciência nunca ter abandonado completamente esse princípio. Assim, houve um movimento expressivo de desconstrução do pensamento místico, em que todos os raciocínios que não tivessem embasamento no cientificismo, como as crenças religiosas ou a especulação, deveriam ser substituídos pela razão, uma vez que considerados especulação e superstição.

O enaltecimento da racionalidade permitiu, assim, o surgimento e valorização de um saber embasado na ciência, apresentando-se como neutro e incontestável. O poder da Ciência se dá, então, em seu fundamento: a dedução de leis, teorias e hipóteses constantemente aperfeiçoadas. A partir disso, a modernidade criou a crença na verdade nascida da razão, como é posto no prefácio do livro *Psicologia, Comunicação e Pós-Verdade* (GUARESCHI et al., 2019), que utiliza classificações e, dessa forma, oferece ao mundo uma estrutura escorada na (falsa) noção de manipulação e controle, desconsiderando o acaso e a causalidade dos eventos e seus desdobramentos.

O método científico, dessa forma, desconsidera sentimentos, intuição e experiências pessoais como potenciais fontes de conhecimento, justamente pela falta de objetividade e exatidão que apresentam. A partir disso, induz-se que ao longo dos séculos existe a tendência dessa categoria científica estabelecer a crença de que existe somente este caminho para elaborar o verdadeiro conhecimento. Conhecimento, este, baseado na ideia de que o universo é constante e sintônico, mecânico, quantificável e objetivo; trazendo a noção de que há uma regularidade, e consequentemente previsibilidade, na natureza. Em suma, as explicações oferecidas pelo método científico são consideradas universais e, por isso, unificadoras; além de serem as únicas confiáveis, pois o procedimento utilizado é experimental e dicotomizante: observação objetiva, na qual sujeito e objeto são considerados e analisados de maneira dissociada.

Não é raro deparar-se constantemente com a noção de “verdades comprovadas pela ciência”, muito pelo contrário. A presença bastante comum dessa

afirmação expressa a propagação e, talvez, aperfeiçoamento da ciência, mas principalmente a credibilidade que as pessoas colocam nessas palavras dotadas de autoridade.

Um homem que discorde, ou diga não acreditar em tal afirmação comprovada é visto como ignorante ou estúpido, mas essa certeza cega na ciência não pode ser outra coisa senão um pensamento anticientífico, pelo menos no que se refere ao que entendemos até agora por científico (RUFFO, 2009).

A ciência se ocupou tanto na especialização de sua metodologia e dispositivos tecnológicos, que se for do desejo do indivíduo verificar se uma informação científica é verdadeira, por conta própria, precisará de uma busca complexa e trabalhosa. Nesse sentido, pensar na indisponibilidade de tempo do sujeito comum também é coerente, pois um de seus resultados é a resistência para priorizar esse tipo de atividade, o que cria terreno fértil para a ciência se consolidar como a maior fonte de conhecimentos e verdades. Como traz Isis Ruffo (2009) em seu estudo “A Concepção de Ciência e Desenvolvimento Científico após a Modernidade”, de alguma forma já nos adaptamos com grande confiança ao pensamento científico.

Tem sido cientificamente provado, (...) nada mais é do que a crença no argumento de autoridade, já que o homem apressado não tem nem o tempo nem os meios de reencontrar e controlar esta prova resta o argumento definitivo de uma sociedade que se acredita científica, mas que se acha coagida, pelo próprio tamanho do edifício realizado, a se remeter a outros (...) (MOLES, 1995, p. 87).

A aceitação da ciência como verdade universal e indubitável está mais próxima do irracional ao racional, uma vez que o conhecimento científico só é colocado em questionamento quando contrapõe crenças e valores de igual força, como alguns ensinamentos religiosos, por exemplo. Essa aceitação quase irracional é o que dá subsídios para a modernidade sustentar sua falsa convicção de que é possível haver universalidade na veracidade das informações e, além disso, de que seria questão de tempo para que as especificidades se incorporassem a ela.

No entanto, o que vêm se percebendo é justamente o oposto: na modernidade, cada vez mais especificidades, ambivalências, inesperados e mistérios aparecendo, fazendo com que o conhecimento obtido através da ciência esteja assumindo novas configurações surpreendentes e provocadoras, tornando

esse momento histórico e sendo, inclusive, pensado e considerado o início de uma nova era: a era Pós-verdade.

Ainda não temos clareza a respeito da definição da época que vivemos hoje, uma vez que não há consenso entre as informações adquiridas ao pesquisar a resposta para essa questão em livros e internet, pois apesar de coincidirem em relação a alguns elementos que caracterizam os dias atuais, não há definição e nomeação exata. No entanto, o mundo contemporâneo é evidentemente marcado por uma consciência diferente daquela da modernidade, em que a imprevisibilidade é aceita, valorizada e cede lugar à ambivalência, fazendo contraste com a busca pela verdade absoluta que era valorizada na modernidade, como argumenta Bauman (1995). No ensaio “O Contexto Socioantropológico da Pós-Verdade”, Denise Amon (2019) também discute a respeito dessa nova compreensão, trazendo que a consciência pós-moderna põe em questionamento a autoridade de qualquer verdade e aceita a diversidade de saberes e cosmovisões, sem pretensão de submissão a alguma universalidade.

Assim, o conhecimento embasado torna-se cada vez mais distante do sujeito contemporâneo, uma vez que este recebe e repete informações prontas, sem que se possa comprová-las ou refutá-las. Postura esta que é observada tanto na maneira como as pessoas acreditam na ciência, quanto nas crenças em verdades míticas ou religiosas, num movimento de se distanciar do espírito inovador que busca criar explicações, uma vez que se prende a dogmas cuja origem e finalidade não são compreendidas, apenas aceitas na medida em que atravessam o sujeito, em seus desejos, crenças e valores. Essas crenças também desempenham um papel fundamental na formação de identidades de grupos, influenciando as relações sociais.

“Não que a ciência seja análoga à verdade; porém, no caso do imaginário coletivo, a crença pode levar ao sentimento de estar diante de uma verdade absoluta” (FRANCELIN, 2005, p. 05).

3.1 A Relação Entre o Progresso Tecnológico e a Disseminação da Pós-Verdade

A tecnologia tem desempenhado um papel fundamental na sociedade moderna, influenciando diretamente a maneira como as pessoas vivem, trabalham e se comunicam. No entanto, o progresso tecnológico também trouxe consigo uma

série de desafios e impactos a serem questionados, como a facilidade, e até certo apreço, pela disseminação de informações falsas. Neste capítulo, discutiremos a relação entre o progresso tecnológico e a pós-verdade, explorando como a tecnologia tem criado um cenário ambíguo ao contribuir com a disseminação da desinformação, ao mesmo tempo em que nunca se teve tanta facilidade e praticidade em relação ao acesso às informações.

A Pós-verdade, como sendo o termo que descreve a situação em que a opinião pública é moldada mais pela emoção e crença do que pelos fatos objetivos, tem como um dos principais responsáveis pela sua disseminação a tecnologia, se considerado que as plataformas digitais são os meios nos quais as informações falsas são disseminadas com grande rapidez e alcance. Porém, além de ser o meio onde são compartilhadas, as plataformas deixaram de se configurar como meras ferramentas e passaram a agir ativamente, sendo não apenas o “onde”, mas também o “como” as informações são compartilhadas.

Isso porque, quando os algoritmos entraram em cena, a disputa entre as organizações tecnológicas passou a ser pela atenção do usuário: quanto maior o tempo gasto em uma rede social e quanto maior a interação através dos cliques, mais informação essas plataformas estão colhendo deste usuário. O documentário *O Dilema das Redes*, dirigido por Jeff Orlowski (2020), disponível na plataforma Netflix, se propõe a denunciar a forma como as redes sociais e seus mecanismos, como os algoritmos, por exemplo, retêm e exploram dados dos usuários a partir de interesses mercantis. Nele, ex-funcionários das *big techs* (como Google, Facebook e Twitter), tecnólogos, pesquisadores e ativistas são convidados para embasar essa denúncia com suas experiências, além de discutirem e analisarem como o uso das redes pode ser uma ameaça não somente à saúde mental dos usuários, mas também à democracia, uma vez que toda movimentação do usuário na rede é imediatamente detectada pelos algoritmos e transformada em dados, que, através do sistema de aprendizado de máquina, atua com o objetivo de fornecer mais conteúdo semelhante àqueles que o usuário costuma consumir, prendendo-o a atenção e mantendo-o na plataforma pelo maior tempo possível.

Pensando a respeito do que motiva a criação e sua constante necessidade de atualização, basta se atentar ao fato de que os algoritmos têm seu mecanismo de

ação inteiramente à mercê do modo de vida capitalista que, pautado na velocidade e rapidez, contribui para alguns dos motivos que também podemos levantar para o progresso da pós-verdade: o tempo. Hoje não se tem tempo disponível para pesquisar e comprovar fontes, a fim de se comprometer com a verdade. A tecnologia possibilita ocupar-se com laptops, smartphones, celulares, entre outros meios de comunicação, que tornam possível o indivíduo realizar diversas tarefas ao mesmo tempo e se manter conectado durante todo dia. Antes, porém, o tempo que usávamos consumindo as diversas formas de tecnologia era destinado para tarefas de reflexão, diversão e relaxamento, enquanto hoje é cada vez mais frequente perceber esse tempo sendo direcionado para fuga da realidade e dispersão do tédio. É, então, cada vez mais raro notar as pessoas plenamente conscientes do que fazem, pensando e refletindo sobre o sentido daquilo que as ocupam, uma vez que vivem mergulhadas em milhares de informações e atividades, sem estarem de fato presentes conscientemente em todas elas (ou, pelo menos, em sua maioria).

E para além da fuga, temos a perspectiva do encontro. Enquanto o progresso tecnológico traz consigo o afastamento da realidade material, também promove o encontro dos iguais, uma vez que o mecanismo de ação dos algoritmos trabalha justamente direcionando as pessoas a encontrarem informações que confirmem suas crenças e valores, reforçando a inserção em bolhas ideológicas. Um exemplo próximo são as notícias de que o TikTok está ameaçando o reinado do Google, se tornando a ferramenta de busca mais usada entre os jovens, e a responsabilidade é atribuída ao afiado algoritmo. Mas diferente do Google, o TikTok não exhibe suas fontes ao entregar a informação, deixa essa questão para o dono do vídeo compartilhado. Essa maneira de apresentar informações contribui diretamente para expressão da pós-verdade, uma vez que estimula a ignorância, tirando o sujeito do contato com o diferente, e desestimula a atitude de pensar de forma consciente e crítica que, como será abordado, é crucial para manter-se protegido de algumas consequências desta possível nova era.

É possível argumentar, a partir disso, que a tecnologia aumenta o leque de possibilidades no que diz respeito às informações, mas diante de possibilidades somos sujeitos a fazer escolhas, seja no sentido de quais informações iremos transmitir, que iremos consumir com mais frequência e quais pretendemos ignorar. Assim vemos a pós-verdade ganhando configuração dentro deste contexto e

entendemos que dar mais valor a determinados fatos com base em crenças, valores e convicções pessoais, é uma escolha e, por ser uma escolha, faz parte de uma condição inerente do ser. Por isso, pensar na Pós-verdade apenas pela perspectiva tecnológica não é o suficiente, visto que essa é apenas uma parte do contexto que envolve o ser humano e seu modo de ser e viver no mundo.

4 PSICOLOGIA E PÓS VERDADE

Diante do exposto nos capítulos anteriores, considerando a definição e conceito de Pós-verdade, a relação de sua disseminação com o progresso tecnológico e as leituras realizadas a respeito do tema, é notável o aumento significativo em seu uso, principalmente ao longo dos últimos anos, fazendo com que hipóteses fossem levantadas a fim de inferir as razões e desdobramentos do fenômeno no mundo atual. Neste capítulo algumas dessas hipóteses serão apresentadas e discutidas, dando enfoque àquelas que sustentam os motivos da disseminação a partir da perspectiva psicológica, seus possíveis desdobramentos para subjetividade do sujeito e, por fim, a maneira e importância da Psicologia se fazer presente neste contexto, propondo estratégias de resistência e conduzindo a atitude questionadora relativo aos fatores que atravessam a subjetividade e experiência do ser.

4.1 Disseminação da Pós-Verdade a partir da Perspectiva Psicológica

Antes da apresentação e discussão das hipóteses é necessário compreender alguns conceitos, partindo do pensamento de Martin Heidegger, com destaque para obra *Ser e tempo* (1927), influência fundamental para o pensamento fenomenológico existencial.

O primeiro deles é o termo *Dasein*, usado para nomear o modo especificamente humano de ser, que tem seu significado como “ser-aí” e suas características chamadas de existenciais. Pensando a respeito da questão “o que é o homem?” as contribuições de Descartes (1596-1650) a respeito do dualismo cartesiano, era, e talvez ainda seja, uma das maiores referências no campo da psicologia, porém Heidegger surge com outra perspectiva para embasar esse entendimento: Para ele, a representação fundamental do ser humano é *Ser-no-mundo*, desconsiderando o dualismo e polaridade entre homem e mundo, associando-os. O termo *Dasein* foi escolhido, pois o autor coloca que a condição ontológica do ser humano é ser a abertura (o aí) onde os entes se mostram e ele se mostra para si mesmo, e a compreensão deste ente, por isso, deve necessariamente também considerar uma compreensão de mundo, uma vez que são indissociáveis.

Diante do apresentado acima, nota-se a necessidade do conhecimento acerca do conceito de Dasein, uma vez que entendendo-o como ser-aí, também se compreende a necessidade de estudar o ser em associação à Pós-Verdade e todo contexto circundante, sem que haja dicotomização. Por esse motivo, as hipóteses que já foram levantadas têm seu embasamento no todo, evitando olhar somente para a Pós-Verdade como um fenômeno isolado, mas considerando as influências e consequências psicológicas, sociais e políticas.

Em relação às características do Dasein, Heidegger se refere a elas como existenciais, pois representam modo de ser humano e distancia-se de “categorias”, uma vez que essas revelam modos de ser não-humanos. Essa forma diferenciada de compreensão do Dasein diante dos outros entes, se dá justamente por uma de suas condições ontológicas: é o único ser capaz de perceber e indagar-se sobre sua própria existência. E, como mencionado acima, ser-ontológico do homem significa ser abertura à compreensão, (o aí), aquele que, sendo, revela o Ser, a partir de sua condição existencial. Em outras palavras, os significados atribuídos aos entes referem-se à relação que o ser humano, em seu ser, estabelece com eles, não se dando de forma dissociada e independente, mas sempre em relação com o Dasein.

Por esse motivo, analisar o fenômeno da pós-verdade exige cuidado, até mesmo em sua forma sintática e semântica, afinal, o próprio entendimento a respeito da definição de verdade não tem um consenso universal, sendo compreendida de diferentes formas por diferentes pensadores, como Nietzsche (1844-1900), Sartre (1905-1980), Husserl (1859-1938), entre outros. Neste trabalho, porém, não cabe a discussão de teor maniqueísta a respeito de qual ponto de vista está “correto” ou “errado”, o que é “verdade e “mentira”, pois ambos se caracterizam como possibilidades, mas discutir como o indivíduo está atribuindo significados e sendo atravessado por estes, considerando as contribuições do pensamento fenomenológico e seu fazer na psicologia.

No entanto, a compreensão diferenciada acerca do Dasein e suas condições, não atravessam com frequência o estar em sua cotidianidade, pelo contrário, o ser humano coloca-se como mais um ente entre os entes, identificando-se com as coisas que o cerca, encobrendo a característica ontológica. Este nível cotidiano é chamado ôntico, onde estão os interesses cotidianos e da cultura. Assim, como

abordado no artigo Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano (ROEHE; DUTRA, 2014), entende-se que o nível ontológico refere-se ao Dasein, que é o modo propriamente humano de ser, enquanto o nível ôntico refere-se a fragmentação e multiplicação individual do Dasein, caracterizando cada indivíduo ou grupo por, por exemplo, nacionalidade, profissão, gênero (DUTRA; ROEHE, 2014). E é nesse nível ôntico que a Pós-verdade encontra terreno fértil para se disseminar, se apropriando na necessidade do Dasein de pertencimento e representatividade, reforçando as bolhas ideológicas e mantendo-os em contato com suas próprias verdades, por mais mentirosas que essas sejam.

Outro conceito essencial está na forma como Heidegger descreve o modo de ser humano. Ele revela existir sempre uma questão inacabada para si mesmo, mas nem sempre se dá de forma racional a gerar uma resposta conclusiva e concreta. Refere-se a uma questão que somente se resolve no fazer e existir cotidiano, e provisoriamente. “Ser é o que neste ente está sempre em jogo” (HEIDEGGER, 1927/2006, p.85), e por ser uma questão inacabada, na própria existência, entende-se que a essência do ser humano está em “ter de ser” (DUTRA; ROEHE, 2014). E, por sua inconclusão, esta questão está sempre em aberto diante de inúmeras possibilidades, também dando ao Dasein a condição de ser-aberto.

A condição de ter que ser envolve muita responsabilidade e não há outra opção a não ser sustentá-la. Por isso, o Dasein constantemente se apropria de recursos foge de si mesmo, o que Heidegger em sua obra chama de queda: quando ele é absorvido no mundo da cotidianidade, em que o homem se perde e os demais que o caracterizam e interpretam o seu ser, ou seja, ele age em função de sentidos que já estão dados e não se apropria de suas escolhas. Na queda, então, o Dasein encontra-se fechado, sendo que o fechamento não se refere à ausência de abertura, mas a privação dela.

Outro conceito presente na obra de Heidegger, e fundamental para o entendimento da relação que será estabelecida adiante, é o de impessoal, que caracteriza a união de práticas e entendimentos que dizem respeito a como o Dasein deve conduzir sua vida. O viver do cotidiano na impessoalidade alivia o Dasein da responsabilidade individual por suas decisões, uma vez que os julgamentos e escolhas são impessoalmente prescritos pela sociedade e contexto

que habita, mesmo antes de seu nascimento. Viver na impropriedade, então, é condição existencial do Dasein, pois escapa da certeza de que vai morrer e é determinado por seu fim (ser-para-morte), na medida em que é tranquilizado, pois a identificação com o impessoal é a garantia de que tudo ocorre como deve ser. Entretanto, é necessário cuidado ao interpretar esta característica, pois nem tudo é negativo na impropriedade, uma vez que é necessária, organizando mundos e facilitando a coexistência do ser-aí junto às pessoas e as coisas, a partir de referenciais comuns como calendários, tempo cronológico, regras, leis, entre outros.

Todo mundo é o outro e ninguém são si mesmo. O impessoal que responde à pergunta quem da presença cotidiana, é ninguém, a quem a presença já se entregou na convivência de um com o outro (HEIDEGGER, 1927/2006, p. 185).

O Dasein vivencia a impropriedade a partir de três maneiras: a falação, a avidez de novidades e a ambiguidade. A falação nos diz como e quem temos que ser; tem a ver com as “verdades prontas”, os clichês, aquilo que não é contestado, uma vez que já foi introduzido no discurso comum e foi adotado como regra, mesmo que não apresentem fundamentação. A avidez por novidade, refere-se à busca incessante do Dasein por algo novo, dificultando o estabelecimento do vínculo, uma vez que transita entre as possibilidades apenas para vê-las, não efetivamente se conectar ou compreendê-las. Por fim, é na ambiguidade que o Dasein tem a falsa sensação de autenticidade, ao crer que tudo aquilo vivido na falação (o que se ouve) e avidez de novidade (o que se vê) foi assimilado, mas na verdade é o contrário, foi apenas absorvido, sem atribuir qualquer sentido e significado particular. Dessa forma, entende-se que são possibilidades para o Ser-aí viver na propriedade e impropriedade, mas na maioria das vezes, permanece no modo impróprio, pois se afunda na cotidianidade, afastando-se de si mesmo e de suas condições.

4.2 Desdobramentos para o Indivíduo

Essa circunstância Virtual, com a possibilidade de ser compreendida por alguns como lugar imaginário e outros uma ampliação da realidade, é onde percebe-se um fenômeno crescente e marcante no processo de subjetivação do indivíduo contemporâneo: a sociabilidade virtual. Diretamente associada com a Pós-Verdade, uma vez que o lugar onde a primeira ocorre é o mesmo onde a pós-verdade encontrou espaço para sua rápida disseminação: nas mídias digitais

que interagimos, nos encontramos e socializamos. Como já dito no subcapítulo anterior, neste trabalho não cabe discorrer a respeito de qual ponto de vista está correto ou adequado, mas questionar e pensar a respeito das formas com as quais o indivíduo está atribuindo significados e tendo sua subjetividade atravessada por estes.

Como visto ao longo do que foi exposto durante o trabalho, um cenário de Pós-Verdade vai além do questionamento epistêmico a respeito da verdade, deslocando o olhar para outros temas: político, psicológico, sociológico. E, assim, a direção de pensamento e pesquisa permanece a mesma, considerando o todo ao olhar para os desdobramentos desse fenômeno para o indivíduo, considerando que este tem sua existência atravessada por todos esses outros temas que a Pós-Verdade também transita, e se relacionam entre si. Por isso, sabe-se que os desdobramentos do cenário Pós-verdade para o sujeito não são conhecidos ao todo, visto que não cessaram-se os estudos a respeito, mas essa pesquisa se atentará a três deles, de fundamento psicológico, mas que não deixam de atravessar as demais áreas.

O primeiro desdobramento apontado é referente à forma de comunicação que é, e está sendo estabelecida na atualidade, caracterizada pela ausência de fatos objetivos, um forte aspecto do cenário Pós-verdadeiro. O que tem se visto é a crítica política se transformando em mero relato e os recursos para suprir o diálogo democrático diminuindo, em razão da ausência dos fatos objetivos para opô-los. Assim, cada vez mais o diálogo se distancia de seu caráter humanizador, tornando-se uma expressão carregada de emoção e valores próprios, mas vazia de conteúdo cognitivo. Do ponto de vista psicológico, a tentativa de comunicação embasada somente em verdades e emoções próprias, ignorando a razão e o cognitivo, poucas vezes é realizada de forma efetiva, visto que pessoas diferentes sentem, acreditam e se comportam de formas diferentes.

O artigo *Uma Reflexão Fenomenológica em Torno da Definição Original de Comunicação* (VASCONCELOS; LONDERO, 2017), interpreta a comunicação a partir da leitura de *Ciro Marcondes Filho (2004)* e diz que esta vai além de uma coisa pré-determinada, emitida e recebida, pois pode-se entendê-la como um processo envolvendo pessoas que se encontram e compartilham momentos, sendo o encontro

entre duas intencionalidades, propiciada por um ambiente que estimule a troca entre entes e a participação. Em um contexto de Pós-Verdade, porém, essa não é a realidade, visto que a intenção é particular, muitas vezes de reforçar seu próprio ponto de vista, crença ou valor; não entrar em contato com o do outro, na possibilidade de colocar em questionamento os seus próprios. Por isso, Marcondes Filho (2004) acredita que a comunicação não está no sistema de informação dos meios de comunicação de massa ou linguagem, uma vez que estes estabelecem transmissão unilateral, em que apenas os donos desses meios de comunicação podem emitir, e os demais recebem passivamente. Dessa forma, entende-se que um dos desdobramentos do cenário Pós-verdade para o Ser é a constante atualização e reforço dos próprios valores e crenças, fomentando a individualização e colocando-os cada vez mais distante dos questionamentos, diferentes maneiras de pensar, agir e conhecer; fortalecendo bolhas ideológicas e não dando a oportunidade do Ser descobrir outras possibilidades e, conseqüentemente, outras potencialidades.

Outro desdobramento que é notável e deve ser apontado, diz respeito ao modo do Ser vivenciar a impropriedade. Como mencionado no subcapítulo anterior, quando vivida a partir de modismos e uniformizações, a impropriedade tende à massificação do homem, que leva a alienação máxima de seu poder-ser-si-mesmo da maneira mais própria. A avidez de novidade, caracterizada pela busca incessante do Dasein por algo novo, tem suas conseqüências percebidas nitidamente na atualidade, sendo cada vez mais comum pesquisas se voltarem para o tema das relações líquidas, como nomeia Bauman (1995). Um dos efeitos da busca desenfreada pelo novo e a intransigência pelo já conhecido, é a dificuldade na criação de vínculos e encontros profundos, porém muitos outros não surgem e são descobertos, visto que também é uma forma característica do viver na atualidade, ou pelo menos mais percebida atualmente. De todo modo, o desdobramento que confere ao Ser a dificuldade na criação de vínculos já tem grandes conseqüências por si só, principalmente considerando uma das condições existenciais do Dasein: ser-no-mundo-com-os-outros. Isso porque é no se relacionar com seus semelhantes e com os outros entes que vive, que o Dasein se desenvolve e projeta. Segundo o pensamento fenomenológico, a minha existência requer a presença do outro, uma vez que compartilhamos semelhanças, seja na cultura, no

aspecto físico, na linguagem e, especialmente, nas preocupações do cotidiano.

Por fim, o desdobramento agora abordado diz respeito à própria visão de mundo do Ser, também afetada pelo cenário Pós-verdade. A partir da leitura do livro *O Manguenzal* (2020), e comentado nos capítulos anteriores, acredita-se que o saber, embasado

o conhecimento embasado em evidências e estruturado em argumentos, a partir do pensamento filosófico e o raciocínio crítico, constitui (até aqui) o melhor caminho para a verdade e por isso, a Pós-verdade constitui um novo cenário, em que os antigos e tradicionais valores, como o que é considerado belo, os ideais igualdade, liberdade, democracia etc., perdem o seu vínculo com a verdade e, com ela, todo o seu aparato epistêmico. Com isso, não apenas os valores ficam desamparados, mas também como consequência, a crença e credibilidade nas instituições, uma vez que a politização da ciência e manipulação da informação deturpam o que se entende por verdade e são subsídios para descrença generalizada se instaurar. Assim, entende-se que ao tornar a verdade relativa, relativiza-se também o próprio mundo e sua compreensão em torno deste, visto que este é “a unidade objetiva completa que corresponde ao sistema ideal de todas as verdades de fato, e dele é inseparável” (HUSSERL, 2005).

4.3 Importância da Psicologia Nesse Contexto

Ao dissertar sobre a importância da psicologia no contexto da Pós-Verdade e das mídias digitais, é possível notar que o ser humano busca compreender o que está ausente ou o que falta, pela sua própria condição ontológica, de forma que o papel social de existir se confronta com a oportunidade de estar no mundo e a constante busca pela identidade.

Na atualidade é muito comum se deparar com o sujeito fragmentado, no sentido de não ter estabilidade na compreensão da própria identidade, uma vez que esta é constituída, transformada e atualizada conforme a maneira como os seres são representados nos meios sociais em que se relacionam e existem. Isso posto, entende-se que o sujeito contemporâneo está constantemente sendo convidado a lidar com a multiplicidade de identidades possíveis e mutáveis, com as quais temporariamente pode (e deve) se identificar (SIMEONI, 2009).

Assim, se a formação de um sujeito social consiste em cultura e questionamentos para a própria descoberta da função como um membro de uma sociedade, entendemos que seria fundamental um olhar que contemple um caráter político e questionador, como define Taleb em seu livro Antifrágil (TALEB, 2015), aquilo que é antifrágil é mais que somente o termo contrário ao frágil. O autor aplica a ideia em questões individuais, porém, ao ampliarmos para o coletivo, entendemos que o frágil normalmente está relacionado à resistência e raiva, mas na verdade, o antifrágil aceita, de forma não passiva e se reergue se potencializando no caos e em meio às injustiças. Da mesma maneira, o ser humano luta pelos seus direitos e caminha para uma sociedade mais justa, sem a existência da certeza de uma plenitude de valorização desses dois cenários.

O que se denomina como “crise de identidade” é entendida como algo que se modifica de acordo com o que se considera um processo que é amplo mas que envolve mudança, ao mesmo tempo em que abala as estruturas de indivíduos que estavam em situação de estabilidade no mundo social. Assim,

O processo de aprendizagem, de libertação constante do nosso estado de ignorância, o desapego às crenças sem embasamento, exige de nós esforço, dedicação, resiliência e um espírito abnegado. Todo esse processo pode nos causar um certo desconforto, pois estaremos remexendo nos nossos “escaninhos mentais”, estruturas nas quais construímos justificativas para endossar crenças que, em sua gênese, são incompatíveis com a realidade (PILATI, 2018, p.30).

Voltando ao conceito de verdade, agora atrelado exclusivamente ao seu papel ligado à psicologia, o tema se faz presente à medida que é possível entender que a busca por velhas identidades diante de uma crise, e a busca em se recolocar neste universo, é parte do que se busca desde a antiguidade e que atravessa a contemporaneidade. São sintomas que representam de alguma maneira o surgimento da fragmentação do indivíduo quando se é necessário entender sua luta por classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, por exemplo.

Desta maneira, conhecer a verdade é condição necessária para que a liberdade exista, além de possibilitar que a liberdade transite livremente, sem que haja disposição às falácias. Pois, ignorar ou desconsiderar o conhecimento, torna o indivíduo alienado em suas escolhas, resultando em um esvaziamento do conceito de liberdade para sociedade como um todo.

Assim, entende-se que na modernidade encontramos um sujeito fragmentado que se transforma de maneira contínua e não fixa, sendo o advento constante da tecnologia um dos fatores que permitiu que o sujeito se apropriasse da multiplicidade de referenciais que o atinge todos os dias. Desta maneira, o homem moderno se vê diante de múltiplas identidades que pretende unificar, porém, extremamente conflitante. Dessa forma, o conceito de estar no mundo, enquanto Dasein, implica constantes mudanças, especialmente quando aquilo que era pensado como seu lugar no mundo e sociedade se desconstrói, convidando-o a repensar e entrar novamente em contato com as múltiplas possibilidades.

“Por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade do princípio de se retomar a questão sobre o sentido do ‘ser’” (HEIDEGGER, 2009).

RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir das coletas de dados e a literatura demonstram, conforme abordado ao longo de toda discussão, estar em concordância com a temática proposta para este trabalho, considerando que o estar no mundo é uma ação contraditória, pois há riscos em se compreender de maneira clara e precisa o conceito da pós-verdade, que seria o ponto de partida para certo nível de libertação, mas ao transitar pela bibliografia, também percebe-se o indivíduo cada vez mais dependente e restrito aos meios de comunicação e, não despropositadamente, individualizado. Além de estar em concordância com o tema proposto, os resultados também apontam e reforçam a grande importância em compreender os impactos psicológicos da pós-verdade, além da busca constante por autonomia, proporcionado pela execução e efetivação das estratégias psicológicas de resistência e questionamento na sociedade em que vivemos.

Deseja-se que a presente pesquisa possa promover reflexão a respeito de como a Psicologia pode auxiliar na compreensão de como os indivíduos atribuem significados e são influenciados pela Pós-verdade, seu contexto e suas significâncias. Entende-se que a alteridade é intrínseca do pensamento humano, o sujeito põe-se como essencial negando a relatividade em relação ao seu correlativo. Assim, o homem que a coloca nesse papel de objeto secundário, enquanto se assume como sujeito absoluto.

Espera-se com este trabalho fomentar mais pesquisas sobre o tema e que constantemente se reavalie o processo tecnológico, assim como seus efeitos, em especial a disseminação da Pós-verdade e seus desdobramentos ao indivíduo. Isso, claro, sem que se deixe de considerar a Psicologia neste conceito que segue fortemente empenhada em associar os estados existenciais, visando a sua análise sobre determinada situação, pois pensamentos, sentimentos e interpretação são distintos e particulares de cada indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como um dos objetivos gerais investigar a relação entre a Pós-verdade e a Psicologia, explorando também seus desdobramentos na sociedade contemporânea e para o Dasein. Foi constatado, dessa forma, que a disseminação da Pós-verdade encontra grande parte de seus recursos no campo psicológico, e, por isso, compreender seu conceito é fundamental para entender a interação entre o ser humano e esse fenômeno. O conceito de Dasein, assim como as condições existenciais, desenvolvido por Heidegger, foi relevante nesse contexto, revelando como o ser humano se identifica com o impessoal e se distancia cada vez mais da responsabilidade de ser si mesmo.

Nesse contexto, a psicologia desempenha um papel crucial na compreensão de como os indivíduos atribuem significados e são influenciados pela pós-verdade. Estratégias psicológicas de resistência e questionamento podem ser desenvolvidas para lidar com esse fenômeno, promovendo a autonomia individual e uma postura crítica diante das informações distorcidas. Os resultados da pesquisa e a revisão da literatura destacaram a importância de compreender os impactos psicológicos da pós-verdade e buscar a autonomia por meio dessas estratégias.

Além disso, também ressaltou a necessidade de reavaliar o processo tecnológico e a disseminação da Pós-verdade, reconhecendo o papel fundamental da Psicologia nesse contexto. À medida que a sociedade evolui, e com ela os meios de comunicação, surge a necessidade de adaptação constante por parte das empresas e dos indivíduos. Portanto, é essencial realizar mais pesquisas que considerem o impacto psicológico e enfatizem a importância da autonomia e da resistência frente à pós-verdade.

Em síntese, a pesquisa contribui para uma reflexão aprofundada sobre a relação entre a pós-verdade e a Psicologia, buscando promover uma postura crítica e questionadora diante das influências que moldam nossa percepção da realidade. Espera-se que os resultados estimulem estudos adicionais e inspirem práticas psicológicas que fortaleçam a autonomia e a resistência frente à disseminação da pós-verdade na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Brasileira de Letras. **Nova Palavra: Pós-Verdade**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

AGUIAR, W. M. J. **Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência"**. Cadernos de pesquisa, p. 125-142, 2000.

BRITES, F.; PORCELLO, F. **Verdade x Mentira: A ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil**. Trabalho apresentado no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Joinville - SC. 2 a 8 de Set. de 2018. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184434/001078994.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BAUMAN, Z. (1995). **Modernity and Ambivalence**. Cambridge: Polity Press. 1995 (Original publicado em 1991).

CARIA, L. **O dilema das redes: Uma abordagem dialógica com as redes sociais no Brasil e a Realidade Legislativa Virtual**. Revista Direito no Cinema, v. 3, n. 2, p. 44-54, 2022.

COLPO, M. O. **O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia**. Psicologia Revista, v. 22, n. 1, p. 101-118, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16660/12514>. Acesso em: 02/04/2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

DUTRA, R.; ROEHE, M. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. Avances en Psicología Latinoamericana, vol. 32, n. 1, p. 105-113, 2014.

DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade**. In: DUNKER, Christian et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2017.

FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: Manipulação, Polarização, Filter Bubbles**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2019.

FEIJOO, A. M. L. C. **A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas**. Psicologia em Estudo, v. 16, p. 409-417, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/b9jyW5hk4pDkQ4t6h63Hrhb/?lang=pt>. Acesso em: 24/04/2023.

FRANCELIN, M. **Ciência senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos**. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/ZmhGpGcb8DnzGYmRBfGWNly/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 27/03/2023

GAMBOA, S. S. **As diversas formas do conhecimento**: bases histórico-filosóficas da pesquisa em educação. Filosofia e Educação, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, P. A. et al. **Psicologia, comunicação e pós-verdade** (3ª ed., Rev. e ampl.). Porto Alegre: ABRAPSO Editora, 2019.

GUARESCHI, P. **Psicologia e Pós-Verdade**: a Emergência da Subjetividade Digital. PSI UNISC, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 19-34, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/issue/view/508>.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2009.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas**. Primeiro volume: Prolegômenos à lógica pura. Tradução de D. Ferrer. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

LATGÉ, L. C. **O mundo pós-verdade**. O Globo, 23 nov. 2016. Opinião. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opinia/o-mundo-pos-verdade-20522515>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MACEDOCOUTO, G. S.; DA SILVA JUNIOR, A. F. **Solidão**: do patológico ao ontológico. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2017.

MARCONDES, C. F. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MERELES, C.; MORAES, I. **Notícias falsas e pós-verdade**: o mundo das fake news e da (des)informação. Politize, 01 out. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

MENNA, S. et al. **O Manguenzal**. Revista de Filosofia, v.1, n.5, Janeiro- Junho, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/omanguenzal/issue/view/1063/228>. Acesso em: 21/06/2022.

MOLES, A. A. **As ciências do impreciso**. Trad.: Glória de C. Lins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MORAES, M. **A Psicologia como reflexão sobre as práticas humanas**: da adaptação à errância. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, p. 535-539, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Vozes. Rio de Janeiro, v.6, 2003.

NALLY, D. **Post-truth, education and dissent**. *Educational Philosophy and Theory*, v. 55, n. 5, p. 609-621, 2021.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Sociabilidade virtual**: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, p. 50-57, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/r6wPvz3JH45Gf9j78dRR75t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 Abr. 2023.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

OLIVEIRA, A. L.; TRINDADE, E. **Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica**. *Revista Psicologia e Saúde*, cidade, vol.7, n.1, pp. 30-38, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v7n1/v7n1a05.pdf>.

O DILEMA DAS REDES. Direção de Jeff Orlovski. Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81254224>. Acesso em: 26 Set. de 2022.

OXFORD Languages. **Word of the Year 2016**. Oxford University Press. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em 20 de abril de 2022.

PEREIRA, E. M. A. **A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade**: implicações para a universidade. *Revista Ensino Superior*, nº 14, julho-setembro de 2014. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/a-construcao-do-conhecimen-to-na-modernidade-e-na-pos-modernidade-implicacoes-para-a-universidade>.

PILATI, R. **Ciência e pseudociência**: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Contexto, 2018.

POST-TRUTH (s.d.). *In*: CAMBRIDGE ENGLISH DICTIONARY [online]. Cambridge: University Press. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/post-truth>. Acesso em 20 de Abril de 2022.

POSVERDAD. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. Edición del Tricentenario. Atualização 2020. Disponível em: <https://dle.rae.es/posverdad>. Acesso em: 20 jun. 2022.

POST-VERITÀ. *In*: ISTITUTO TRECCANI. Vocabolario Treccani. Disponível em: https://www.treccani.it/vocabolario/post-verita_res-65be68bc-89ea-11e8-a.... Acesso em: 20 jun. 2021.

ROCHA, E. C. F. **O dilema das redes**: pontos de reflexão acerca da algoritmização. Enancib, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/596/34>. Acesso em: 13 de Maio de 2022.

RUFFO, Í. E.. **A Concepção de Ciência e Desenvolvimento Científico após a Modernidade**. Em L. P. Rouanet (Org.), UFSJ: Revista metanoia, 2009.

SEIXAS, R. **A retórica da pós-verdade**: o problema das convicções. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, v. 18, n.1, p. 122-138, 29 de Abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197>.

SCHWARTSMAN, H. **A era pós-verdade**. Folha de S.Paulo, 13 Set. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

SIMEONI, C. P. M. **A Desconstrução do Eu em Fernando Pessoa**. Revista Desassossego, v. 1, n. 1, p. 39-47, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47612>. Acesso em: 4 jun. 2023.

TALEB, N. **Antifrágil**: Coisas que se beneficiam com o caos. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

VIEIRA, A. J. **A noção de verdade na fenomenologia de Husserl**: entre correspondência e coerência. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 4, n. 1, p. 53-88, 2015.